

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RELATÓRIO DO TRABALHO FINAL
PROJETO PROFISSÕES

Beatriz Balsini Prates

Florianópolis, 24 de fevereiro de 1999.

1. Escolhas

Todos os momentos da minha vida em que tive que decidir ou escolher alguma coisa sempre foram difíceis, a dúvida, a ansiedade de estar tomando o caminho certo, as dificuldades de cada caminho tudo isso sempre gerou muitos conflitos internos.

As decisões mais importantes como que carreira seguir, ter ou não um filho e outras sempre foram fruto de muita discussão, insegurança e medo. Quando optei pelo jornalismo não sabia se era isso que realmente queria e não tinha idéia do que significava essa profissão, acredito que naquele momento eu estava realmente despreparada para assumir um risco tão importante quanto é hoje em dia escolher uma profissão.

No primeiro semestre da minha graduação não me interessei muito pela universidade, depois me encontrei naquela profissão que eu por um acaso havia escolhido. Estava realmente feliz, mal sabia eu que ainda teria que passar por outro conflito, escolher em que área me especializar....

Durante todo o curso procurei conhecer todas as possibilidades da profissão fazendo estágios em assessorias de imprensa, jornais, rádios e televisões. Procurei ter o maior contato possível com o mercado de trabalho porque sentia que somente o curso de jornalismo com suas cadeiras não seria o suficiente para a minha formação. Apesar de ter aprendido muito e crescido muito na faculdade, o contato com o mercado é essencial.

O primeiro estágio que fiz em TV foi como repórter, não gostei muito. Gostava da magia da televisão, mas tinha verdadeira aversão por aparecer na frente da câmera, nunca me preocupei muito com a estética e a idéia de me produzir para trabalhar era terrível. Depois conheci o outro lado o da edição e da produção, me apaixonei, aquilo sim era gostoso, tinha realmente encontrado o que eu procurava. Tinha muito mais magia, mais encanto.

Estava fazendo um estágio numa empresa de comunicação e de repente senti um vazio.... Gostava de jornalismo, mas o dia-a-dia, o "arroz-com-feijão" foi se tornando cada vez mais pobre, medíocre. Isso me causou uma certa frustração e até mesmo uma dúvida com relação à profissão escolhida.

2. Projeto final

Chegou a hora de me formar e começar um projeto. Já tinha os parceiros e uma certeza: fazer um vídeo. Queria muito aproveitar o momento do projeto final e tentar realizar um trabalho diferente de tudo o que já tinha visto, queria experimentar. A maior dificuldade foi sem dúvida nenhuma *escolher*, mais uma vez, o tema a ser explorado. Escolha difícil. O que ainda não tinha sido falado, de que maneira inovar a abordagem????

A orientação profissional surgiu como tema através de uma indicação de uma professora, Aglair. O interesse pelo assunto foi imediato, tinha passado por muitas dúvidas e dificuldades na hora de optar por uma profissão no vestibular, fiz até teste vocacional. Além disso, o trabalho ganharia um lado social muito importante.

Quando iniciei a pesquisa, lendo livros de orientação profissional, entrevistando estudantes de segundo grau, professores, pedagogos, psicólogos percebi então a grandeza do assunto, e o interesse foi se tornando cada vez maior. Sentia que poderíamos fazer um trabalho que realmente iria servir como instrumento de informação importante para as pessoas.

As informações sobre os números da evasão nas universidades assustaram, uma média de 57 por cento no Brasil. Um problema social gerado pelo atual sistema de educação brasileiro, pela falta de informação das pessoas e que deve ser repensado urgentemente.

Informação era então a palavra chave, fomos buscar conhecer o universo de guias, vídeos e outros produtos já existentes nesse mercado. Tudo era muito vago, subjetivo. A impressão que se tinha era que esses almanaques queriam esconder alguma coisa. As matérias jornalísticas também eram muito superficiais e não tratavam o assunto com uma abordagem voltada para orientação profissional. Informavam exatamente da mesma maneira que os guias, sem muita discussão sobre o que estava

sendo dito. Faltava um debate maior sobre o que estava sendo apresentado e isso era o que podíamos constatar na Secretaria de Educação do Estado, nos colégios e Sindicato das Escolas Particulares através das pesquisas que realizamos nesses locais.

Além dessa pesquisa nos materias já existentes, nossa primeira orientadora, Aglair, e nossos entrevistados nos guiaram para o caminho que seguimos. A princípio pretendíamos abordar todas as profissões, mas com o tempo percebemos que estaríamos cometendo o mesmo erro de todos os outros produtos: seríamos superficiais. Decidimos então trabalhar uma profissão que seria abordada a fundo. Escolhemos medicina, por ser uma profissão classicamente muito procurada pelos estudantes e por possuir todo um "glamour" de herói à profissional bem remunerado.

Nessa fase do projeto, nossa orientadora desistiu do nosso trabalho. O que a princípio nos gerou muita ansiedade, posteriormente superado com tranquilidade. A nova orientadora, Gilka Girardello, foi muito receptiva à idéia do projeto e como a pesquisa já estava numa fase avançada ela nos deu total liberdade para criarmos a nossa linha e desenvolvermos o nosso estilo de trabalho. Isso foi excelente, já que dessa maneira realizamos o projeto como queríamos, a orientação foi mais no sentido de nos alertar com alguns erros e tropeços e também de nos ajudar nos momentos de dúvida.

O grupo era formado por três pessoas, eu, Débora e Lúcio. Esse terceiro integrante, um grande amigo, ainda não tinha se interessado pelo trabalho, e então, quando já tínhamos feito quase tudo e faltava apenas uma semana para o início da gravação ele saiu do grupo. Isso de uma certa forma foi bom, já que eu e Débora estávamos em sincronia e tínhamos plena confiança uma no trabalho da outra.

3. Pesquisa

Já estávamos totalmente inteiradas no mundo da medicina. Entrar em hospitais, visitar UTIs, emergências e outros já fazia parte do nosso cotidiano, não sentia mais nem um "calafrio". Nesse momento já conhecíamos a situação profissional dos médicos, sua insatisfação com alguns lados da profissão e também o seu dia-a-dia.

Entramos em contato com os mais diversos profissionais de várias áreas. As entidades de classe, como Associação Catarinense de Medicina, sindicato, conselho regional, diretores de hospital e chefes de departamento de universidade foram a parte mais burocrática da pesquisa.

Depois de ter entrevistado mais de trinta profissionais e estudantes de medicina, estávamos com um problema. O envolvimento com todas as questões dos profissionais não nos permitia ver com clareza o que era importante e relevante para um aluno de segundo grau e o que somente interessava aos médicos. A pesquisa que nós fizemos renderia mais uns dois ou três vídeos, direcionados somente aos estudantes de medicina e aos profissionais da área. Esse foi então um dos momentos mais difíceis, já que todos esses temas eram muito importantes.

4. Gravação

Quando as gravações começaram eu estava um pouco ansiosa e insegura. Sabia que tinha feito um bom trabalho de pesquisa, mas queria mais. Através do relatório das entrevistas com as pessoas da área da educação separamos os temas direcionados à orientação profissional que deveriam ser abordados, como satisfação profissional, vocação e outros. Nos relatórios das entrevistas com os médicos separamos o que cada um falava melhor e também decidimos que cada umalaria sobre sua especialização, vocação e satisfação profissional.

As dificuldades com equipamento da universidade por causa do horário para o uso da câmera, a falta de flexibilidade nos dias de gravação e o pouco número de horas de gravação foram os maiores problemas enfrentados, em relação à produção do vídeo. Além disso a câmera que estava prevista para ser usada pelos projetos finais estava estragada e trabalhamos com um equipamento de qualidade ruim, e que além disso estava com defeito no foco. Que desespero!!! Quando íamos conferir os depoimentos e as imagens produzidas dava vontade de chorar! Quando o entrevistado estava no meio de um depoimento super importante a câmera saía do foco ou as imagens não poderiam ser utilizadas, enfim, problemas que tentamos contornar da melhor maneira possível, mas que tenho a certeza de que de uma forma ou de outra prejudicaram a qualidade técnica do trabalho.

Mas para nosso alívio todos os entrevistados estavam se saindo super bem, pareciam verdadeiros atores na frente da câmera. O contato anterior que tivemos com todos eles e também com o seu ambiente de trabalho nos facilitou muito na hora da gravação.

5. Edição

Depois de tudo gravado começamos a decupar as imagens e os depoimentos. Reunimos todo o material e elaboramos o roteiro. Entramos na sala de edição com tudo bem definido. Os depoimentos foram então todos encadeados e estruturados. Mas faltava alguma coisa, não dava para simplesmente emendar todos os assuntos: escolha, curso, especialização e atuação. Foi assim que surgiu a idéia dos *clips* com cenas que identificassem o que íamos abordar. Mais uma semana de gravação, definição do nome do projeto, criação de uma vinheta de abertura e decupagem.

Os últimos dias de edição foram os mais demorados e estressantes. A vinheta de abertura que imaginávamos gastar no máximo 40 minutos, levou dois dias para ficar

pronta. O computador da universidade trabalhou com excesso de arquivos na sua memória, então todos os efeitos e todas as operações que queríamos fazer eram muito lentas.

O equipamento da ilha de edição do curso de jornalismo é um dos melhores, mas da maneira que ele está estruturado hoje é um dos piores, principalmente para quem vai fazer um projeto final ali. O problema é que como o computador não tem memória suficiente é preciso tirar várias vezes o que foi editado para depois retornar para o computador de novo e passar para uma outra fita. Isso provoca uma enorme perda na qualidade das imagens e do som. O computador estava sempre cheio por causa dos programas que são produzidos pelo Universidade Aberta.... Enfim, problemas técnicos que devem ser lembrados para que o curso de jornalismo possa melhorar a sua infra-estrutura.

Acredito que por esses motivos técnicos o vídeo possui alguma carência com relação à qualidade das imagens e do som. Outro problema é o crédito dos entrevistados, que dependendo da televisão não é possível ler. Isso aconteceu por in experiência do editor de imagens e também nossa, que não conferimos esse detalhe antes.

6. Conclusão

Esse projeto foi sem dúvida nenhuma o que mais gostei de fazer durante todo o curso. Senti que era capaz de produzir um vídeo desde a sua elaboração até a sua edição e isso me fez muito bem profissionalmente. Saber que consegui realizar um bom trabalho trouxe uma satisfação e uma auto-confiança muito grande. E eu estava realmente precisando disso, atualmente estou trabalhando com uma coisa que não gosto e às vezes tenho a sensação de não estar crescendo profissionalmente. Com a descoberta da minha gravidez no fim da universidade, momento em que todos os

colegas e até mesmo eu estava cheia de planos para a minha carreira, ter a certeza de que sei fazer alguma coisa e de que gosto do que eu faço, é um grande passo.

Depois desse trabalho, senti que o jornalismo pode ser usado de uma forma mais positiva na vida das pessoas. E que não é preciso trabalhar em jornais, televisões e rádios para fazer comunicação. Produzir um material educativo e que pode realmente orientar alguém é uma forma interessante e muito mais gratificante de atuar dentro da minha profissão.